



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS

HELEN CASTELO BRANCO DE SOUSA

**OS LIMITES A UMA MULHER DE RESPEITO:
PRECEDENTES FEMINISTAS EM KATE CHOPIN**

JOÃO PESSOA

2018

HELEN CASTELO BRANCO DE SOUSA

**OS LIMITES A UMA MULHER DE RESPEITO:
PRECEDENTES FEMINISTAS EM KATE CHOPIN**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras – Língua Inglesa, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Jeová Rocha de Mendonça

JOÃO PESSOA

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S7251 Sousa, Helen Castelo Branco de.

Os limites a uma mulher de respeito: precedentes
feministas em Kate Chopin / Helen Castelo Branco de
Sousa. - João Pessoa, 2018.

42 f.

Orientação: Jeová Rocha de Mendonça.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Kate Chopin. 2. Feminismo. 3. Literatura
estadunidense. I. Mendonça, Jeová Rocha de. II. Título.

UFPB/CCHLA

HELEN CASTELO BRANCO DE SOUSA

**OS LIMITES A UMA MULHER DE RESPEITO:
PRECEDENTES FEMINISTAS EM KATE CHOPIN**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras – Língua Inglesa, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Jeová Rocha de Mendonça

APROVADA EM: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Jeová Rocha de Mendonça
Universidade Federal da Paraíba

Membro titular: Profa. Dra. Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior Mendes
Universidade Federal da Paraíba

Membro titular: Profa. Dra. Maria do Rosário Silva Leite
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ser meu alicerce e luz em todos os momentos da minha vida, sejam estes felizes ou difíceis.

Aos meus pais, porque sem eles eu não teria chegado até aqui. Eles foram os seres mais pacientes comigo no processo de formação, tendo em vista que presenciaram minhas lutas diárias. Se estou aqui é por causa deles, os quais sempre me apoiaram nos estudos, incentivando a autonomia pessoal e profissional.

Não posso deixar de agradecer a minha amiga Aline Vieira, a qual desde cedo me iluminou na escolha no curso de graduação. Existem amigos que nos conhecem mais do que nós mesmos, e ela estava certa em seus conselhos, pois fiz a escolha mais consciente da minha vida. O curso de Licenciatura em Letras me trouxe bagagens para a vida; mostrou-me que ser professor é mais do que títulos, é ter empatia e cuidado com o próximo. Lidamos com vidas e pessoas diferentes umas das outras, sendo necessário sabedoria para olharmos o outro.

Agradeço também aos meus colegas de curso, os quais nesse percurso mostraram como a união faz a força. Vejo neles futuros profissionais dedicados, e levarei comigo a personalidade e o carisma de cada um. Não esquecerei o quanto nós nos apoiamos, compartilhando opiniões e conhecimentos. Alguns não concluíram e evadiram o curso, mas sei que amizades fortes e solidificadas foram formadas ali.

Ao meu orientador Jeová Mendonça, que além de um excelente orientador, me trouxe oportunidades e vivências para além do curso. Um professor exemplar que considero um verdadeiro amigo. Me acolheu sem reprimir minha personalidade mais tímida e vendo qualidades a serem moldadas. E, hoje me vejo como uma pessoa transformada após tantas experiências valorosas no PROLICEN, pois foram anos de muito aprendizado. Agradeço especialmente a ele, por ser esse professor cativante que me fez ainda mais interessada pela literatura.

Não posso deixar de agradecer ao projeto PIBID do qual participei no ano de 2017. Lembro-me que tive dúvidas em participar do programa, porém, hoje vejo o quanto essa decisão influenciou bastante na minha carreira profissional. Estar no projeto me fez ser mais humana, a me expressar criativamente e a lidar com o discente de forma crítico-reflexiva. Agradeço demais às professoras Angélica Maia e Jailine Farias, as quais, no projeto, me mostraram novas alternativas no âmbito do ensino.

Ao professor Anderson de Souza, que me ajudou a adquirir novas ideias e possibilidades para o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço às professoras do campo da literatura Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior, Elinês Albuquerque, Sandra Luna e Glória Gama, pois compartilharam informações sobre a literatura que me guiaram durante todo o curso, e principalmente para a produção desta pesquisa. Especialmente, na disciplina Literatura Norte-americana com a professora Elizabeth, pude ampliar minha bagagem literária e horizontes sobre a literatura de Kate Chopin.

Enfim, agradeço a todos que estiveram comigo nesse longo caminho e que contribuíram de alguma forma nessa jornada.

"Free! Body and soul free!"

(CHOPIN, 1894)

RESUMO

Orientados pela evolução do pensamento feminista e algumas vertentes envolvendo a mulher e o seu papel na sociedade (conjunturas social, cultural e econômica), surge um dos objetivos centrais desta pesquisa, que é a compreensão da representação do feminino na literatura. Neste contexto, encontramos a autora Kate Chopin e seu conto “*Uma Mulher Respeitável*” (1894) o qual evidencia fortes ideais feministas da autora em relação à liberdade das mulheres já no século XIX. É possível notar como sua narrativa dá notoriedade à figura feminina, caracterizando-a em seus desejos pessoais e sociais, porém como vítima das restrições de um mundo patriarcal. Para a leitura crítica desse conto, tomamos como referência autores como Mary Wollstonecraft (1792), Lorraine Code (2000), Ellen Rooney (2006) e Tim Gillespie (2010). Ao analisar este conto, foi possível entender a correlação da figura feminina de outrora àquela dos tempos presentes no que diz respeito à luta pela igualdade de direitos, através da representação do que supostamente se configura como uma mulher de respeito.

Palavras-chave: Kate Chopin. Feminismo. Caracterização feminina. Literatura estadunidense.

ABSTRACT

Guided by the evolution of feminist thinking and some aspects concerned with women and their role in society (social, cultural and economic conjunctions), there emerges the goal of this research, which is the comprehension of the representation of the feminine in literature. Therefore, in this context, we discovered the author Kate Chopin and her short story “*A Respectable Woman*” (1894) that shows her striking ideals in relation to women’s freedom in the XIX century. It is possible to notice how her narrative gives notoriety to women, emphasizing their social and personal wishes, in spite of being victims of restrictions in a patriarchal world. For a critical reading of this short story, we reference authors such as Mary Wollstonecraft (1792), Lorraine Code (2000), Ellen Rooney (2006) and Tim Gillespie (2010). On analyzing this short story, it was possible to understand the correlation between the female figure from the past to the contemporary woman, and their struggle in order to achieve equal rights, through the representation of what is, supposedly, a respectable woman.

Keywords: Kate Chopin. Feminism. Feminine characterization. North American literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. KATE CHOPIN: CONSIDERAÇÕES SOBRE VIDA E OBRA	13
2. O MOVIMENTO DA EMANCIPAÇÃO DA MULHER EM TRÊS FASES	18
3. OS LIMITES A UMA MULHER DE RESPEITO	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

De acordo com Zolin (2009), desde a década de 1960, com o desenvolvimento do pensamento feminista, “a mulher vem se tornando objeto de estudo em diversas áreas de conhecimento, como a Sociologia, a Psicanálise, a História e a Antropologia; e, no âmbito da Literatura e da Crítica Literária, adquirindo enorme destaque e sendo foco de discussões do contexto contemporâneo”. Sabemos que, desde muito tempo, a sociedade privilegia o lugar dos homens, os quais ocupam uma posição superior às mulheres. Por essa razão, o feminismo surge como um movimento que tem como militância a busca pela igualdade entre os sexos e novas oportunidades e horizontes de vida às mulheres.

À priori, o interesse por essa temática surgiu da minha participação no projeto PROLICEN, intitulado “*Caracterização da personagem feminina na literatura*”, no qual fui participante durante os anos de 2015-2017, sob orientação do professor Jeová Mendonça. O projeto designou o propósito desta pesquisa, qual seja, identificar e avaliar a representação da personagem feminina na literatura, de modo que, neste projeto, procedemos ao estudo de quatro contos da autora Kate Chopin: “*Além do Bayou*”, “*Uma Mulher Respeitável*”, “*A História de Uma Hora*” e “*O Neném de Desirée*”.

Com efeito significativamente positivo, realizamos pesquisas teóricas fomentadas por discussões semanais e produção de textos de cunho analítico. Buscamos verificar como a mulher é apresentada no campo da literatura e as experiências das escritoras mulheres que escreveram “sobre” e “para” mulheres. Iluminados por esta experiência, escolhemos para este trabalho, excepcionalmente, o conto “*Uma Mulher Respeitável*”, que traz como diferencial temas como matrimônio, autonomia e sexualidade. Neste e em outros contos da autora, as mulheres protagonistas são vítimas de uma sociedade patriarcal, como buscamos esclarecer neste trabalho.

No projeto PROLICEN, tomamos também como base a teoria de letramento literário proposta por Cosson (2006), a fim de atingirmos dimensões sociais além da universidade. Tendo em vista a relação intrínseca entre literatura e linguagem, o letramento literário e a apropriação da literatura enquanto linguagem, Cosson nos revela que, quando um leitor está em contato com algum texto, surge o procedimento da internalização, continuamente gerando a identificação e a expressão subjetiva. Agrega-se ao conceito de letramento literário, aquele de experiência estética literária. Sendo assim, o letramento literário e a experiência estética literária caminham de mãos dadas, proporcionando a apreensão desejável de um texto.

O decorrer de uma leitura gera no leitor o prazer estético, oriundo de reações emocionais e/ou intelectuais, fortemente interligadas ao contato direto com a específica linguagem artística. Nesse sentido, é imprescindível o encontro do leitor com a obra, aspecto que buscamos no projeto PROLICEN. Através desse contato com o texto, o leitor torna-se um verdadeiro cocriador das diversas manifestações da linguagem, e, no tocante às obras literárias, a própria leitura é uma descoberta individual. Destarte, o letramento literário implica em apropriar-se da linguagem literária, a qual promove experiências verdadeiramente libertárias através de palavras. Uma experiência vivenciada pelo leitor promove novas experiências, as quais dão suporte à sua bagagem literária.

Por essas razões, buscamos nos apropriar das teorias relacionadas ao letramento literário a fim de levarmos o projeto para outros espaços, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda, localizada em João Pessoa. No que diz respeito à prática pedagógica, em que o (a) professor (a) é um facilitador, buscamos, através do texto literário a mediação para que o estudante/leitor descobrisse a identidade textual e as marcas textuais da autora norte-americana Kate Chopin no conto escolhido para este fim, que, visando o público alvo daquela escola (jovens estudantes do Ensino Fundamental), entendemos que “*O Neném de Desirée*” seria o conto mais conveniente.

Tendo em vista o papel da literatura na formação humana, o texto literário é passível de assimilação do contexto e relações sociais do próprio leitor; além disso, considerando a cultura letrada, quanto mais competente e letrado é o leitor, mais é capaz de questionar o meio em que vive. Deste modo, por meio do projeto buscamos enquanto leitores (e professores) ampliar o nosso repertório literário e compreender o espaço feminino em diferentes contextos sociais, e levamos essas contribuições para a nossa própria prática pedagógica. Em curtas palavras, o projeto trouxe novas maneiras de ler e interpretar textos literários, e principalmente investigar o mundo literário de Kate Chopin e seus contos; e, por isso, o encontro enquanto leitora com a obra de Chopin foi essencial para a produção e desenvolvimento desta pesquisa.

Quanto ao objetivo basilar do presente trabalho (TCC), empenhamo-nos em analisar o papel social da mulher, embasando-nos em teorias feministas que ganham espaço desde o século XVIII, ilustrando a posição da personagem Sra. Baroda no conto “*Uma Mulher Respeitável*”, de Kate Chopin, e as limitações impostas à personagem de acordo com o modo de organização dos grupos sociais no século XIX.

O presente trabalho constitui-se em uma pesquisa explicativa e descritiva, a partir de estudo hipotético-dedutivo, análise e exame crítico de material bibliográfico sobre as teorias feministas, tendo como base leituras reflexivas de fundamentos teóricos respectivos ao tema de

relevância. O trabalho é dividido em três partes. No primeiro capítulo, enfocamos na vida e obra da autora Kate Chopin, bem como suas marcas, influências literárias e temas que retratam a vida das mulheres no Sul dos Estados Unidos. No segundo capítulo, conceituamos as teorias literárias feministas em um processo histórico, classificando-as conforme cada época e descrevendo a figura feminina no âmbito político, sociocultural e econômico, examinando o processo de luta das mulheres pela equivalência aos seus direitos e à justiça.

Justificamos a luta, as ideias e as práticas das feministas no que diz respeito ao rompimento dos preconceitos existentes às mulheres. Para apoiar nossa leitura crítica desse conto, trazemos à tona autores como Ellen Rooney (2006), Lorraine Code (2000), Tim Gillespie (2010) e Mary Wollstonecraft (1792) para um posicionamento crítico ante à situação não apenas da personagem, mas em todo um conjunto de fatores que circundam as mulheres.

Ao analisar o objeto de pesquisa, entenderemos a correlação da figura feminina de outrora aos tempos presentes. Por essa razão, no terceiro capítulo, pormenorizamos a caracterização da figura feminina através da Sra. Baroda, onde a autora revela com sutilezas literárias precedentes feministas cujas lutas e conquistas têm se observado até os dias atuais. Por fim, concluímos nosso trabalho retomando alguns pontos destacados no desenvolvimento desta pesquisa.

1. KATE CHOPIN: CONSIDERAÇÕES SOBRE VIDA E OBRA

Catherine O’Flaherty (1850-1904) – mais conhecida como Kate Chopin – nasceu em St. Louis, Missouri, nos Estados Unidos. De escrita minuciosa e sensível, foi uma figura de destaque no seu tempo, a qual, já no final do século XIX, tratava de temas considerados polêmicos e moralmente controversos para a época.

Kate Chopin é filha de Thomas O’Flaherty, um imigrante irlandês, e Eliza Faris, uma crioula francesa. Como a sua família por parte de mãe era de descendência francesa, ela cresceu sob influência sociocultural tanto do inglês como do francês, tornando-se bilíngue e bicultural. Tais influências da vivência cultural e literatura francesa são claramente ilustradas em suas obras¹, como veremos mais à frente. Chopin nasceu em uma família rica que seguia as tradições da época, tendo recebido uma ótima educação e aprendido música, se tornando uma musicista talentosa. Ingressou na *Catholic Boarding School – The Sacred Heart Academy* – onde foi preparada para se comportar conforme às expectativas sociais, como predisposição ao casamento e maternidade, e outros comportamentos esperados para as mulheres de sua época (BEER, 2008 p. 15). Entretanto, Chopin era uma mulher forte, independente e nem um pouco tradicional para aquele contexto feminino. Ela prezava sua independência, fumava cigarros, jogava cartas e se sentia bem em sua própria casa (BEER, 2008, p. 23).

No ano de 1855, quando o seu pai morreu em um acidente ferroviário, se viu cercada por mulheres fortes e destemidas como a sua mãe, avó e bisavó. Em pleno contexto de restrições matrimoniais do século XIX, a sua avó foi a primeira mulher a se separar legalmente em St. Louis, Missouri, e mesmo em idade avançada, tornou-se uma mulher de negócios (VINHEDO, 2005, p. 312). Além disso, tendo formado grandes laços, Kate Chopin recebeu uma educação favorável dessas mulheres ao longo da sua vida, o que possivelmente contribuiu e inspirou-a para a vida enquanto escritora. No ano de 1869, ela escreveu o seu primeiro conto não publicado, “*Emancipation: A Life Fable*”, logo após se graduar na *Sacred Heart Academy*.

Em 1870, casou-se com Oscar Chopin, um comerciante de algodão e filho de proprietário de plantação, e teve seis filhos com ele. Durante o seu casamento, viveu em Louisiana, New Orleans, e, posteriormente, mudou-se para Cloutierville, uma área rural de Louisiana, quando o negócio do seu marido faliu. Durante a lua de mel, os Chopin viajaram

¹ Cf. CLARK, Pamela. **Biography**. Disponível em: <<https://www.katechopin.org/biography/>>. Acesso em: 14 out. 2017.

pela Europa, dando a oportunidade para Kate Chopin conhecer novos lugares e ampliar sua visão de mundo, estando em sintonia com novas experiências além do estilo e comportamento dos estadunidenses.

Aos 32 anos, Kate Chopin ficou viúva, com a responsabilidade total sobre seis filhos, retornando ao seu local de nascença, St. Louis, Missouri. Foi a partir daí que passou a desenvolver grandes habilidades narrativas na sua carreira como escritora, alargando o seu universo literário. Um caminho marcado também pelo trauma e tristeza devido à perda do seu marido, e paralelamente, às mortes do irmão e mãe. Seguindo as recomendações do seu terapeuta, ela se (re)conhece como escritora e começa uma jornada para alcançar a sua independência e sustentar os seus seis filhos, se tornando a primeira mulher escritora de St. Louis.

Em 1889, aos 39 anos de idade, ela publicou o seu primeiro trabalho literário, “*Wiser than God*” (1889), e outros como o poema “*If It Might Be*” (1889) e o conto “*A Point at Issue!*” (1889). Também escreveu e publicou os romances “*At Fault*” (1890) e “*The Awakening*” (1899), tendo o último recebido comentários negativos dos críticos da época e sido considerado vulgar pelos temas nele retratados. No mais conhecido romance da autora, “*The Awakening*”, encontramos a protagonista Edna Pontellier, uma mulher de 28 anos casada com um homem de negócios. No enredo, a personagem se vê insatisfeita emocionalmente, afetivamente e sexualmente no casamento, o que a faz decidir viver distante do marido e dos filhos e buscar a sua independência e autonomia. “*The Awakening*” é um exemplo de romance revolucionário que revela uma fase marcada pelo surgimento de diversas mulheres escritoras estadunidenses nas décadas de 1850 e 1860, com obras que refletiam a cultura predominantemente patriarcal e as diferenças entre os sexos (cf. SHOWALTER, 2008). A protagonista no romance supracitado lida com uma série de experiências que a tornam consciente sobre sua individualidade e toma atitudes as quais a constituem como mulher livre de amarras:

The Awakening revolves around the key concerns of New Woman fiction – marriage, motherhood, women’s desire for a separate identity and bodily autonomy – and reconceptualises these through the metaphors of gestation, awakening and sensual-spiritual epiphany. (BEER, 2008, p. 93).

O romance foi primeiramente intitulado “*Solitary Soul*”, e não por acaso, pois carrega temas como a importância da solidão (de corpo e alma), autoestima e autoconfiança para a mulher. A protagonista se depara e frustra com ilusões de que amizades, romances, casamentos,

e maternidade podem supostamente trazer uma vida próspera e feliz (SHOWALTER, 2008, p. 7).

Os contos de Kate Chopin foram publicados em duas coleções intituladas “*Bayou Folk*” (1894) e “*A Night in Acadie*” (1897). Conforme Beer (2008, p. 2), a sua voz era transgressiva nestas narrativas, pois em contos como “*Uma Mulher Respeitável*”, “*A História de Uma Hora*”, “*Um Par de Meias de Seda*”, “*O Neném de Desirée*”, “*Além do Bayou*”, “*O Divórcio de Madame Célestin*”, dentre outros, ela descreveu valores morais não convencionais do século XIX, como divórcio, maternidade, tensões raciais, e preconceitos. As histórias contemplam protagonistas femininas fortes, e Chopin ironizou esses temas para criticar as exigências morais, sociais, cívicas, socioeconômicas e éticas impostas a elas (VINHEDO, 2005, p. 312). Caracterizando suas protagonistas em breves palavras, podemos dizer que são verdadeiras heroínas em busca do novo para romper com as barreiras do universo patriarcal.

Kate Chopin comumente utilizou estratégias literárias como ironia, ambiguidade e metáfora nas suas obras, para criticar os valores então vigentes que limitavam as mulheres. Ela colocou as suas personagens em uma posição mais elevada, valorizando-as por meio do autodescobrimento identitário como mulheres. A busca pela individualidade, autonomia e liberdade são alguns dos temas explorados em suas obras, e ecoam as vozes de mulheres que não estão dispostas a aceitarem as regras e tradições contrárias às suas próprias vontades (NUR, 2017, p. 1). Tais personagens percebem que a felicidade não depende dos outros, mas tão somente delas, e tão somente elas são capazes de se (re)descobrirem além das limitações impostas.

É possível considerar Chopin uma escritora realista, tendo em vista que o seu discurso narrativo descreve minuciosamente o psicológico das mulheres, tanto sob os efeitos da Guerra Civil, como vítimas das normas sociais impostas a elas. Chopin também pode ser considerada regionalista ou *local color*, por descrever costumes, a vida dos *Creoles*², os cenários, utilizar o dialeto francês nas suas obras ficcionais, e possuir um estilo particular de escrita que aborda as peculiaridades do Sul do Estados Unidos. O termo *local color* é fortemente utilizado para descrever as características literárias de escritores estadunidenses principalmente na década de 1860, após o término da Guerra Civil³. Tendo vivido no Sul dos Estados Unidos, Chopin esteve atenta ao descrever a ambientação no contexto de guerra vigente. Sendo assim, se preocupou

² Nome dado aos negros que nasciam no território americano.

³ ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Local colour**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/art/local-color>> Acesso em: 16 jun. 2018.

tanto com as questões sociais em torno do feminino, como os efeitos psicológicos da guerra nas mulheres.

De acordo com Donaldson, uma das funções da literatura regional no final do século XIX, foi “demonstrar os valores da classe média branca, fazendo com que pessoas distantes do convencionalismo emergissem, ampliando tanto as diferenças entre os leitores como personagens nas obras lidas” (*apud* Bloom, 2007, p. 172, tradução nossa). Sendo assim, a literatura *local color* é marcada por traços originais que ultrapassam o texto verbal e carregam verdadeiras marcas literárias de uma época, contexto e sociedade, como podemos conferir na seguinte citação:

What both ethnological collections and local color fiction shared was a dynamic demarcating the boundaries between the ordinary and the strange, the normative and the eccentric, and, above all, spectators and spectacles. These sets of symbiotic relationships implicitly situated both the viewer of the ethnological collection and the reader of local color fiction as members of the emerging ‘Local Color’ Literature and white urban middle class. By definition the artifacts on display and the local stories being read represented everything that the audience was not, whether regional, traditional, quaint, foreign, or ethnic (DONALDSON, *apud* BLOOM, 2007, p. 172).

Considerando que Chopin viveu em uma conjuntura marcada pela Guerra Civil, e em St. Louis, uma cidade que apoiou tanto a União como os Estados Confederados da América, a sua produção intelectual é marcada também por traços dessa convivência e empatia com os escravos sulistas por meio de temas tabus envolvendo questões raciais e preconceitos morais, éticos e religiosos, considerados uma afronta aos preceitos da época.

Neste sentido, Kate Chopin se preocupava com a construção psicológica de suas personagens, revelando identidades femininas centrais e com papéis importantes, caracterizados como fortes, e que confrontavam a hipócrita moralidade imposta a elas. As personagens dos seus contos não são apresentadas como fracas, nem mesmo passivas, pelo contrário, são sensíveis, fortes, inteligentes e capazes de subverterem os impedimentos da época.

Apoiados por Juárez (2015, p. 11), podemos afirmar que uma das influências na produção da autora foi o realismo francês, fortemente entrelaçado com o realismo estadunidense localizado em suas obras. Denotamos esse aspecto por causa da tradição presente na literatura europeia, na qual costumava enfatizar os fatos e a realidade da sociedade. Porém, pouquíssimas obras expunham a descrição de mulheres além das convenções sociais da época.

Trazendo à tona o realismo estadunidense, visualizamos nas obras de Chopin, mulheres protagonistas como símbolos de conduta inversas para o tempo. Mulheres, que embora parecem seguir certas tradições convencionais, buscam novas identidades para alcançarem a verdadeira felicidade (JUÁREZ, 2015), mesmo que rodeadas pela opressão patriarcal e condicionadas às tradições socioculturais.

As estratégias literárias e discursivas de Kate Chopin são instrumentos necessários para compreendermos o seu diálogo com o mundo, compartilhados e expressos em uma sociedade que visivelmente inferiorizava as minorias. A sua escrita é impactante e representativa para uma escritora à frente do seu tempo. O leitor do século XXI se identifica com suas obras e enredos nos quais, embora escritos outrora, podem denunciar a realidade de muitas mulheres do contexto contemporâneo. Showalter, em “*Tradition and the Female Talent: The Awakening as a Solitary Book*”⁴, descreve como a literatura “depende da tradição, de formas compartilhadas e representações de experiências” (2008, p. 8, tradução nossa), aspectos que compõem um gênero literário. Kate Chopin tentou seguir algumas convenções literárias, mas acreditou que um verdadeiro artista, ao rejeitar as tradições e certas conveniências morais, alcançaria o verdadeiro sucesso.

Entretanto, Showalter (2008, p. 9) argumenta que Kate Chopin pode ter se inspirado em alguns autores da tradição literária – fosse para admirá-los ou refutá-los –, os quais descreviam contextos socioculturais do século XIX. Nessa vertente, Chopin também denunciou esses valores em seus contos e romances. Essa forma de pensar enquanto escritora enfatiza como ela estava à frente do seu tempo, principalmente em termos de produção literária. Kate Chopin é apresentada como uma das primeiras autoras estadunidenses a falar sobre o feminismo em suas obras (JUÁREZ, 2015, p. 12), e é o que veremos mais à frente, na nossa análise do conto “*Uma Mulher Respeitável*” (1894).

⁴ Disponível em **Bloom’s Modern Critical Views: Kate Chopin**, de Harold Bloom (vide referências bibliográficas).

2. O MOVIMENTO DA EMANCIPAÇÃO DA MULHER EM TRÊS FASES

Neste segundo capítulo de nossa monografia, intentamos apresentar uma base crítico-teórica que nos respaldará em uma análise do conto “*Uma Mulher Respeitável*”, corpus escolhido para, entre outros, demonstrar a experiência de emancipação feminina que introduzimos no capítulo anterior, ao historiarmos aspectos da biografia e literatura de Kate Chopin.

Em “*Feminist theories: a historical sketch*”⁵, Lorraine Code (2000) sintetiza o processo de luta das mulheres em busca de justiça e de cidadania numa esfera histórica. O feminismo é um movimento sólido, que se difundiu gradativamente, produzindo efeitos e discussões em momentos singulares da história.

As teóricas feministas preocupam-se com a situação da mulher sob várias perspectivas, e abrangem assuntos individuais e coletivos. Juliet Mitchell, por exemplo, caracteriza o feminismo como “[...] uma descendência ideológica de determinadas condições econômicas e sociais” (*apud* CODE, 2000, tradução nossa); logo, a prática feminista trabalha em favor das alterações das circunstâncias materiais e sociais relativas à mulher. Sabe-se que através dos movimentos feministas as mulheres conquistaram o seu espaço, e, conseqüentemente, desconstruir questões que insinuem que elas são inferiores ou que as marginalizem é pertinente quanto aos processos estruturantes de uma nova realidade social.

Em uma perspectiva histórica, o feminismo pode ser abordado em três diferentes momentos: a primeira, a segunda e terceira ondas. Através da primeira onda, que ocorreu no século XIX e prosseguiu no início do século XX, no Reino Unido e nos Estados Unidos, as mulheres reivindicaram os seus direitos mais imediatos⁶.

Nesta fase, houve lutas contra as divergências contratuais, principalmente aqueles referentes à desigualdade de direitos às propriedades e ao direito de escolha matrimonial. Nesta época, as mulheres eram impedidas de votar e interferir no âmbito político, embora claramente possuíssem o interesse em eleger seus representantes; tais impedimentos, por outro lado, as motivaram em diversas outras campanhas em prol dos direitos sexuais, políticos, econômicos e reprodutivos.

Podemos afirmar que a partir das transformações socioeconômicas das revoluções na sua primeira fase, o feminismo visou reformas em diversos aspectos, tais como em relação ao

⁵ Disponível em **Encyclopedia of Feminist Theories**, de Lorraine Code (vide referências bibliográficas).

⁶ GASPARETTO Junior, Antônio. **A primeira onda feminista**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/primeira-onda-feminista/>>. Acesso 03 jun. 2016a.

meio social, âmbito cultural e econômico; ao direito das mulheres ao voto e à educação, à família, ao trabalho, etc. Foi, através da reivindicação do direito ao voto, que as chamadas *suffragettes*⁷ iniciaram a luta pela igualdade entre homens e mulheres nas eleições políticas, movimento iniciado nos Estados Unidos e Inglaterra, e disseminado aos poucos para outros países da Europa (SILVA et al, 2017, p. 4). Sobre esse movimento, Zolin (2009, p. 20) descreve que:

Em 1840 as americanas Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony e Lucy Stone passaram a liderar um movimento sólido pelos direitos das mulheres. As duas primeiras criaram a *National Woman Suffrage Association* (*Associação nacional para o voto das mulheres*), que, além de reivindicar o voto feminino, lutava pela igualdade legislativa, enquanto Stone criava a *American Woman's Suffrage Association* (*Associação americana para o voto das mulheres*), que somava às reivindicações sufragistas outras ligadas à reforma das leis do divórcio.

Com este movimento, as mulheres também denunciaram as péssimas condições de trabalho e a diferença de remuneração entre os sexos. As duas organizações foram fundidas em 1890 para formar a “*National American Woman's Suffrage Association*” (*Associação Nacional Americana para o Voto das Mulheres*). Podemos definir a fase como a mais intensa; contudo, marcada também por grandes conquistas, já que a partir de 1918 no Reino Unido, e em 1920 nos Estados Unidos, o voto foi finalmente facultado a elas.

Já anos antes, em 1848, um documento intitulado “*Declaração dos Direitos e Sentimentos*”, assinado por diversas mulheres e homens, tinha em comum com o movimento sufragista a busca pelo direito ao voto. A chamada primeira convenção aconteceu em Seneca Falls, onde mulheres brancas como Lucretia Mott e Elizabeth Cady Stanton estiveram como líderes, mas foram derrotadas (SANTOS, 2018, p. 3).

Vale ressaltar que grande parte dos movimentos feministas até então teve como líderes mulheres brancas da classe média, que, nos primeiros anos da segunda onda, procuraram analisar as características do patriarcado, evidentemente predominante na sociedade ocidental a partir deste perfil. A ideia, perceptível na época, era uma realidade em que homens estavam numa posição social e economicamente superior, enquanto as mulheres eram totalmente inferiorizadas; logo, a diferença no padrão de vida entre estes dois grupos era muito aparente (CODE, 2000, p. 19). Havia desigualdades (e preconceitos) quanto à etnia, classe, religião, idade, e, até mesmo, com relação às experiências, pois, se a figura feminina estava limitada a

⁷ Sufragistas.

uma posição na escala social e econômica, essa condição não permitia a mulher sair do seu “próprio” espaço e adquirir experiências novas e mais promissoras fora do círculo doméstico.

A ausência de mulheres negras nas militâncias também contribuiu para que outras vozes emergissem. Em 1851, Sojourner Truth, uma mulher abolicionista norte-americana realizou um discurso, “*Ain’t I a Woman*”?, que recordamos até os tempos atuais⁸. Através do seu discurso, em um encontro de mulheres, Sojourner ecoou um verdadeiro grito à liberdade feminina, não somente destinada às brancas, mas a todas as mulheres unidas pelo propósito de serem livres e incluídas na sociedade.

Nessa esteira encontramos Marilyn Frye (*apud* CODE, 2000, p. 19) que compara a experiência das mulheres ao aprisionamento vivenciado por um pássaro dentro das grades de uma gaiola. O que impede a liberdade do animal, mesmo quando retirada apenas uma das grades da gaiola? Segundo Frye, a explicação está num exame preciso do arranjo e o modo como se conectam as grades dessa gaiola que, assim, irá revelar a razão da limitação existente. Deste modo, fazendo uma analogia entre a gaiola e a estrutura social, verifica-se o que frustra a mulher não se sentir totalmente livre. Sua situação é dependente da estrutura social construída, isto é, aquilo que a rodeia e a reprime. Assim, se a estrutura está à mercê da desigualdade e das limitações impostas pelos grupos sociais, a mulher estará sempre presa em sua “gaiola” por conta de uma sociedade que contribui para a sua desvalorização. Portanto, não há “brechas” que a façam escapar, quando há toda uma estrutura bloqueando sua liberdade plena; e, as mulheres passam a assumir uma posição de subgrupo no mundo do homem, que é o mundo real (RICH, *apud* CODE, 2000).

Ao observarmos os acontecimentos de um ponto de vista histórico, percebe-se a razão do preconceito contra à mulher ter se mantido constante por tanto tempo. Aristóteles sustentava a ideia de que o homem, “naturalmente”, era superior em relação às mulheres, e, juntamente com os escravizados e crianças, não eram consideradas dignas da cidadania (CODE, 2000, p. 20). A partir deste raciocínio propõe-se onde a mulher supostamente deve estar: exclusivamente em casa, ocupando-se com afazeres domésticos, cuidando dos filhos e do marido. Seguindo o conceito de Aristóteles, isso é consequência da biologia reprodutiva da mulher, e trata-se de um argumento equivocado ainda utilizado pela sociedade atual para tentar explicar o único lugar das mulheres na sociedade. É exatamente contra tal pensamento que as feministas claramente vêm lutando para modificar.

⁸ TARDELLI, Roberto. **Sojourner Truth traz tudo discurso contra a invisibilidade**. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2018/01/31/sojourner-truth-traz-duro-discurso-contra-invisibilidade/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

Por outro lado, ainda na Grécia antiga, Platão propôs que as mulheres participassem igualmente em atividades de homens, abordando a educação delas de uma maneira diferente, excluindo os preconceitos da época. Elas não precisavam se ater exclusivamente aos afazeres domésticos; ao contrário, poderiam cooperar na comunidade. Contudo, como pode-se constatar historicamente, Platão não conseguiu fazer valer o seu entendimento.

Séculos depois, Mary Wollstonecraft escreveu a *“Vindication of the Rights of Woman”* (1792), em sequência aos acontecimentos e as mudanças sociais e econômicas marcantes geradas pela Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Com as alterações decorrentes das transformações econômicas e político-sociais, pouco a pouco uma nova percepção foi se concretizando: as mulheres não se encontrariam em uma posição inferior devido à sua “natureza”, mas, por falta de acesso à educação e oportunidade nas diversas esferas intelectuais da vida. Assim, Wollstonecraft retoma esses ideais a partir da sua reivindicação, exigindo uma educação efetiva às mulheres, contestando uma sociedade patriarcal. Ela alegou que a igualdade entre os sexos dependia do progresso de uma sociedade em todos os seus aspectos, e refutou Jean-Jacques Rousseau o qual, assim como Aristóteles, defendia o determinismo biológico (cf. CODE, 2000).

Ainda, com a Revolução Industrial e o desenvolvimento do pensamento socialista, Karl Marx defende que a cultura e a sociedade estão conectadas às circunstâncias materiais e sociais de uma nação, e que a biologia não poderia explicar a desigualdade social entre homens e mulheres. Para os teóricos marxistas, elas sofriam opressão devido à divisão de classes própria dos interesses capitalistas, que sempre visava à submissão ao homem, visto como seu Senhor. De acordo com Rosa Luxemburg, uma ativista alemã, uma das maiores penúrias do capitalismo é a opressão vivida pelas mulheres (cf. CODE, 2000, p. 21).

Neste sentido, podemos destacar outro momento nos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido, bastante relevante para a nossa discussão: O *“Culto da Domesticação”*. O *“Culto da Domesticação”* basicamente teve como tema central a ideia de que as mulheres deveriam estar em casa cuidando do marido e filhos⁹. Esse movimento reinou durante os anos de 1800 e 1900, ressurgiu em meados de 1950, e é amplamente reforçado até mesmo nos dias atuais. É importante ressaltar que as mulheres possuíam esse papel predestinado e imposto, sem quaisquer liberdades de escolha.

Nos anos em que emergiu, o *“Culto da Domesticação”* coincidiu com influências de momentos como, por exemplo, a Revolução Industrial. Primordialmente predestinava preceitos

⁹ OWLICATION. **The Cult of Domesticity: Values Past and Present**. Disponível em: <<https://owlcation.com/humanities/The-Cult-of-Domesticity-Past-and-Present>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

relacionados à maternidade, casamento, moralidade e religião. O lar era um local exclusivo para as mulheres, enquanto o trabalho era um papel concedido exclusivamente aos homens. De acordo com Lavender, entre 1820 e a Guerra Civil Americana (1861-1865), e o crescimento de novas indústrias, negócios e oportunidades de profissões nas fábricas, emergiu um perfil para as famílias estadunidenses de classe média. O ideal de feminilidade estava centrado em quatro características: piedade, pureza, domesticidade e submissão:

A new ideal of womanhood and a new ideology about the home arose out of the new attitudes about work and family. Called the "cult of domesticity". It is found in women's magazines, advice books, religious journals, newspapers, fiction - everywhere in popular culture. This new ideal provided a new view of women's duty and role while cataloging the cardinal virtues of true womanhood for a new age (LAVENDER, 1998, p. 1).

Esperava-se dos homens que tratassem as mulheres com respeito, porém nem sempre foi o que de fato ocorria, pois, a violência contra as mulheres sempre fez parte de uma dura realidade na qual os grupos sociais, infelizmente, mantêm culturas machistas em que o homem representa poder e domínio.

À propósito, Elaine Showalter nos diz que “tematicamente e esteticamente, as mulheres da ficção no período pré-Guerra Civil Americana celebram as instituições matriarcais e idealizam o período da maternidade” (2007, p. 10, tradução nossa). Essa estética é permeada pelos artefatos, espaços e idealizações do mundo doméstico do século XIX. O efeito de todos esses fatores encobertos à solidariedade feminina em livros escritos por, para e sobre mulheres, poderia ser uma crítica subversiva de poder patriarcal. No entanto, em termos de estética “a ficção desta geração foi severamente restrita” (SHOWALTER, 2007, p. 11).

Entretanto, o período de pós-Guerra Civil Americana contribuiu para um momento de despertar das mulheres que não estavam satisfeitas com a dominação patriarcal. Elas queriam superar seus limites, aceitar ou rejeitar papéis, e ingressar no mundo político. Neste ínterim, as mulheres escritoras *local color* puderam registrar a vida do Sul dos Estados Unidos e se firmarem profissionalmente como escritoras, reivindicando liberdade nos modelos estéticos. Esse novo “chamado” de literatura configurou-se como ponte de partida para o surgimento de inovações literárias (JUÁREZ, 2015, p. 13).

A maternidade não parecia mais ser a motivação para as mulheres escreverem, e a criatividade artística passa a ser um aspecto privilegiado. As chamadas *New Women Writers*¹⁰,

¹⁰ Novas mulheres escritoras.

fizeram parte do ideal do feminismo “*New Woman*” que emergiu no final do século XIX para descrever mulheres educadas formalmente e engajadas para serem independentes profissionalmente. Foram mulheres que buscaram novas experiências e liberdade de expressão artística, e puderam utilizar a arte e literatura como formas de sustentarem economicamente suas famílias, ocupando papéis importantes em uma sociedade dominada por homens (JUÁREZ, 2015, p. 15). Showalter ainda acrescenta:

In the form as well as the content of their work, New Women writers demanded freedom and innovation. They modified the realistic three-decker novels about courtship and marriage that had formed the bulk of mid-century “woman’s fiction” to make room for interludes of fantasy and parable (SHOWALTER, 2007, p. 13).

O movimento foi resultado do crescimento da inclusão das mulheres de classe privilegiada no campo da educação. De fato, a busca pela autonomia era um objetivo almejado pelas mulheres no fim do século XIX, pois queriam ser livres financeiramente e não mais dependerem dos maridos. Além de liberdade artística e literária, essas mulheres buscavam liberdade afetiva e sexual, bem como escolher seus parceiros (as), objetivos os quais ainda não tinham sido efetivados. Essa fase de pós-guerra também originou um novo tipo de literatura estadunidense, surgindo para quebrar os estereótipos e marcar as gerações posteriores (JUÁREZ, 2015, p. 13). Diversas obras surgem com temáticas controversas e polêmicas, tais quais sexualidade, casamento e adultério.

Neste sentido, Kate Chopin, nossa autora escolhida para essa pesquisa, apesar de se identificar com as *New Women fiction*¹¹, não era uma ativista. Ela não pertenceu a nenhum movimento sufragista ou movimento feminista literário, contudo, suas obras não possuem técnicas convencionais e simplistas, mas impressionam por apresentar elementos como epifania e humor, mesclados com diversas críticas sociais e exploração de múltiplas identidades femininas.

Os impactos do papel da nova mulher são claramente expressos nas obras de Kate Chopin. Suas protagonistas são autônomas e capazes de pensarem criticamente, opinarem e decidirem o próprio destino. Não somente reagem ao meio social, como também refletem e exploram seus sentimentos, sexualidade e afetividade com o mundo que as rodeia. Suas protagonistas exploraram a sexualidade; curiosidade que algumas vezes as leva ao adultério (JUÁREZ, 2015, p. 16). Contudo, são esses desejos que revelam a intensa busca pela liberdade,

¹¹ Ficção das Novas Mulheres.

pelo direito de se apaixonarem e relacionarem com quem amam; ou mesmo para buscar satisfazerem tais desejos e explorarem também aqueles mais íntimos (BEER, 2008, p. 10). Tais mulheres puderam conhecer o seu corpo e ceder ou não aos impulsos mais íntimos.

Não somente a influência da teoria feminista francesa nas obras de Kate Chopin é um aspecto amplamente discutido pelos críticos literários, como também a autenticidade das suas personagens. De fato, a escrita de Chopin reflete a autenticidade de mulheres simbólicas e dá importância à existência delas. São protagonistas as quais contemplam e valorizam a própria existência; que optam por encontrar conforto e segurança não em homens, filhos ou lares, mas nelas mesmas em primeiro lugar. Worton acentua que:

Her work is less a manifesto of emancipation than a multifaceted exposition of quests for enduring relationships. Reflecting the tensions and the temptations between insiders and outsiders, between the individual and society, Chopin anatomizes relationships in order to foreground the importance of the relational (WORTON, 2008, p. 106).

Segundo Ellen Rooney (2006, p. 73), o senso comum revela a relação intrínseca entre a política feminista e a teoria feminista; contudo, entende-se o surgimento de diversas questões sobre o trabalho político das mulheres, visto que o feminismo não trata unicamente de um movimento que circunda a teoria de opressão feminina no patriarcado, todavia, é uma maneira de pensar, escrever e atuar na esfera social. A autora também declara que os primeiros anos foram um período em que as feministas (ou mulheres de uma maneira geral, independentemente da posição política delas), constituíam grupos demasiadamente pequenos nos departamentos de literatura das universidades, comumente buscando apoio em outros. Nessa instância, as primeiras críticas literárias feministas surgiram no meio acadêmico, e o ambiente universitário tornou-se um local privilegiado para o crescimento e luta do feminismo. Houve uma resistência às reivindicações das críticas feministas, e até mesmo propor uma dissertação com escritoras renomadas, como Jane Austen ou Emily Dickinson, era um verdadeiro escândalo.

Neste momento singular, temos a segunda onda, que se estende da década de 1960 até a década de 1980. Nesse período, as mulheres exigiram leis em função da garantia em vários direitos específicos, muitos deles ainda não concretizados até hoje (CODE, 2000). Gradativamente, uma nova perspectiva se propõe com relação ao papel das mulheres, em vista das críticas concernentes à ideia de que elas teriam obrigação apenas em cuidar dos filhos e do lar. Assim, cada vez mais, elas almejavam conquistar o próprio trabalho, possuir igualdade de salários; enfim, em serem reconhecidas como capazes de atuar profissionalmente *outdoors*, o

que nestas décadas ainda se via um tanto inviável, dada uma tradicional estrutura social fortemente preconceituosa.

Para ilustrar um pouco mais a luta das mulheres por reconhecimento de seus direitos durante os períodos da primeira e segunda ondas, vamos explorar um pouco mais o assunto com o apoio de Tim Gillespie. Através do texto, “*Feminist Criticism for Students: Interrogating Gender Issues*” (2010), ele discorre sobre o crescimento e a consolidação do feminismo no contexto contemporâneo. Um dos intuitos indispensáveis do feminismo, conforme diz Gillespie, é analisar como os textos literários apresentam a figura feminina na conjuntura sociocultural. Sob essa perspectiva, a crítica feminista ultrapassa o exame teórico e torna-se uma revolução universal, solicitando transformações e práticas político-sociais em razão das barreiras que oprimem os interesses da mulher, colocando-as em plano rebaixado. Ainda assim, o acesso crítico a essas escritoras mais tradicionais foi preservado, mantendo-as “vivas” através da leitura acadêmica de suas produções e dando visibilidade e novas oportunidades para escritoras contemporâneas (GILLESPIE, 2010, p. 112).

Por meio dessa abordagem histórica, observamos como o autoritarismo e a opressão masculina na sociedade eram refletidos em vertentes como a literatura. De certo, esses controles políticos, econômicos, sociais e canônicos, impediam o reconhecimento e a atuação das mulheres em campos, por exemplo, da literatura e da educação. Assim, as figuras representativas femininas estavam ligadas aos estereótipos criados pelo ponto de vista masculino. Entretanto, os séculos dezoito e dezenove foram marcados pela forte presença e exercício feminino na área da literatura, em vista à expansão do grau de instrução das mulheres de classe média.

Gillespie (2010, p. 111) acrescenta ainda que mediante à segunda onda feminista, a partir do ano de 1960, os estudos feministas apresentaram os “frutos” dos seus esforços e passaram a reexaminar o ensino da literatura na escola básica e nas universidades. Estas verificações possuíam duas vertentes as quais buscaram investigar as mulheres como escritoras e como “sujeitos” da obra literária. As autoras, anteriormente esquecidas, foram resgatadas e elementos pertinentes como currículos escolares, livros, textos e estudos acadêmicos foram reconsiderados nesta instância. Sendo assim, foi por meio dos estudos feministas que obras de autoras femininas como Kate Chopin foram (re)descobertas e reconhecidas como parte de um vasto cânone literário de autoria feminina.

É neste contexto que surge e se passa à terceira onda feminista, reconhecida como tal a partir da década de 1990, e tendo como objetivo principal a correção das falhas e lacunas na abordagem dos postulados da primeira e segunda ondas. Essa última fase, que se estende até a

atualidade, é marcada pelo olhar crítico das feministas sobre sua própria história, além de prosseguir repreendendo o preconceito social e étnico sofrido pelas mulheres¹². O feminismo, principalmente em sua terceira onda, foi abrangendo paulatinamente suas especificidades e uma variedade de correntes acabaram por se manifestar, tais como os feminismos socialistas, os feminismos radicais, o feminismo do terceiro mundo, o feminismo negro, os feminismos culturais, o feminismo lésbico e muitos outros, designando o ideal de que os textos críticos literários existem para refletir ou explicitar amplamente estas divisões. Os textos literários são eminentemente políticos e desempenham um papel pertinente quanto à historicidade, possuindo a função de contribuir na “construção” integral das mulheres, mas respeitando as diferenças que existem dentro do grupo sociocultural “mulher”.

À vista disso, o livro “*Sexual Politics*”, publicado por Kate Millett em 1970, é um exemplo que discute a literatura, a política e o poder. Nele a autora evidencia, no âmbito literário, como um modo de política busca a justiça e a cidadania das mulheres em um contexto histórico, além de contestar a teoria freudiana acerca da feminilidade, a qual a mulher é dependente da presença do sexo masculino. Lorraine Code ainda explica:

A third source of second-wave feminisms is in analyses of sexuality and psychosexual development initiated by Havelock Ellis (1859-1939) and Sigmund Freud (1856-1939) in the late nineteenth-early twentieth centuries. Because he believed unequivocally that ‘anatomy is destiny’, evincing no doubt that psychosexual development is biologically determined, second wave feminists were initially critical of Freud and of psychoanalysis as designed to keep women quiet, passive, and in their place – especially sexually. The well-adjusted woman, in Freudian terms, learned to acquiesce to passive dependence in a heterosexual marriage, schooling herself to please her husband (2000, p. 21).

Por sua vez, Simone de Beauvoir, em “*O Segundo Sexo*”, argumenta que “não se nasce, mas se torna mulher”. Essa obra tem profundos impactos no feminismo contemporâneo, na qual ela encara as relações injustas entre os sexos, e, oferece um relato sobre a preconceituosa construção social da feminilidade com base no determinismo biológico, segundo o qual a mulher lida e se depara com diversas questões ao longo da vida, “naturalmente” já determinadas a elas (CODE, 2000, p. 22). Como fora mencionado anteriormente, Kate Chopin foi uma das primeiras autoras a falarem sobre o feminismo, mesmo que não fosse uma ativista.

¹² GASPARETTO JUNIOR, Antonio. **A terceira onda feminista**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/terceira-onda-feminista/>>. Acesso em: 06 nov. 2016b.

Se lermos as suas obras com o apoio da teoria feminista francesa, podemos notar profundas semelhanças (cf. JUÁREZ, 2015). Através de obras como “*O Segundo Sexo*”, podemos interpretar as obras de Chopin pelo viés dessa teoria, visto que Chopin detalhou as nuances de uma sociedade que emprisionava as mulheres:

Simone de Beauvoir famously argued in *The Second Sex* that domestic work is a form of exploitation and of oppression. She asserted that the obligation to undertake or oversee household tasks leads women to constant activity that does not actually produce anything. For her, domestic work simply perpetuates the status quo and imprisons women in immanence. On the other hand, men are free to live in movement, in progress, in becoming (WORTON, 2008, p. 107).

Do ponto de vista atual, é fato que a mulher conquistou vários direitos, e, por meio deste esboço histórico, entende-se o desenvolvimento do pensamento feminista. Com a consolidação deste pensamento, os resultados tornaram-se cada vez mais evidentes, mas as mulheres continuam a luta por suas causas. O movimento adquiriu solidez, sendo não somente apoiado por mulheres como também por homens que defendem a justa igualdade de direitos entre os sexos. Portanto, o feminismo ainda visa revisões que façam frente à pretensa condição de inferioridade da mulher atinente ao meio social, cultural ou econômico.

A reivindicação é direta: sem os grupos (e identidades) das mulheres, a luta pelos direitos delas torna-se incoerente. A necessidade urgente de agir no mundo real, onde o analfabetismo, a pobreza e a subordinação violenta ainda assolam muitas delas, impede qualquer desconstrução das mulheres como um grupo social ou como uma categoria existencial (ROONEY, 2006, p. 10).

Diante desta resenha histórico-teórico das lutas e conquistas das mulheres, pretendemos fazer uma leitura crítica do conto “*Uma Mulher Respeitável*”, da escritora estadunidense Kate Chopin. Para tanto, gostaríamos de destacar deste sumário os seguintes pontos que serão norteadores para nossa análise e interpretação desta narrativa. São eles:

1. Quais aspectos relativos à Primeira Onda podemos ver explorados em “*Uma Mulher Respeitável*”?
2. Em qual estrutura social se insere o conflito no conto “*Uma Mulher Respeitável*”?
3. Quem é Sra. Baroda, se comparada a outras protagonistas de Kate Chopin?
4. Quais as circunstâncias materiais e sociais que descrevem a personagem central e que implicam nos limites de sua liberdade como mulher?

5. Como é descrito Gaston Baroda no conto? / Podemos dizer que ele é uma referência patriarcal, impondo-se sobre sua esposa?
6. Qual a relação de Sra. Baroda para com seu marido? De passividade e dependência? Ela revela a mesma condição para com Gouvernail?
7. Podemos afirmar que Gouvernail se impõe diante de Sra. Baroda? Se sim, como isso acontece no conto?
8. Quais as “barras” sociais e morais das quais Sra. Baroda já se livrou? Quais ainda a mantém aprisionada?
9. Por que podemos dizer que a protagonista é um “pássaro” privado da sua total liberdade e limitado nas diversas esferas em que está (sexuais, econômicas, político-sociais)? Quais “grades” formam esta estrutura na qual ela estaria aprisionada?
10. Sra. Baroda reforça ou procura desembaraçar-se das “grades” sociais em que se encontra presa?
11. Pôde Sra. Baroda desviar-se do espaço moral em que estava? Quais elementos textuais no conto revelam a situação dela na esfera social da época?
12. A protagonista tinha a opção de se autorrealizar plenamente? Por quê?
13. Como a leitura deste conto (entre outros de Chopin) mudou a minha perspectiva em relação a mim mesma como mulher?

3. OS LIMITES A UMA MULHER DE RESPEITO

Passemos à análise de “*Uma Mulher Respeitável*”, escrito em 1894; um dos dezenove contos de Kate Chopin publicados pela Revista Vogue em 1894, e reimpresso na coletânea de histórias “*A Night in Acadie*”, em 1897.

Em breves linhas, faremos agora um resumo da história neste conto.

A narrativa se passa em uma plantação de açúcar no estado de Louisiana, Estados Unidos, onde residem Sra. Baroda, uma mulher de classe alta, e o seu marido Gaston Baroda. O seu cônjuge aguarda Gouvernail, um jornalista colega de faculdade, para passar um tempo na residência deles. Sua esposa, apresentada no conto apenas como Sra. Baroda, sempre ouviu falar bastante desse amigo, contudo, nunca o conheceu pessoalmente.

O conto narra os acontecimentos que decorrem com a visita de Gouvernail à residência dos Baroda e as interações entre os três personagens. Sra. Baroda parece não gostar da presença de Gouvernail, sente-se constantemente inquieta, mesmo sem saber os reais motivos desta inquietação. Com a chegada dele e conforme a história se desenvolve, a figura e a personalidade de Gouvernail intrigam Sra. Baroda; contudo, aos poucos ela demonstra ter certa empatia por ele.

A princípio, tem-se a ideia de que Gaston e sua esposa se encontram em um relacionamento estável como marido e mulher, um casamento sem adversidades. O narrador, em terceira pessoa, nos diz que a protagonista inicialmente não gosta de Gouvernail, criando em sua mente uma imagem tendenciosa dele: “*She pictured him tall, slim, cynical; with eye-glasses, and his hand in his pockets; and she did not like him*” (CHOPIN, 2015, p. 403). O conflito se inicia e se intensifica com a chegada de Gouvernail.

No início da narrativa, quando Gouvernail é apresentado à Sra. Baroda, ela percebe que ele é diferente de como imaginou. À proporção que ele se faz presente na residência (*plantations*¹³), ela fica mais intrigada com sua personalidade. A maneira “cortês” de Gouvernail a intriga, mas ao mesmo tempo Sra. Baroda nega ver os “traços brilhantes” os quais seu marido disse que ele possuía (CHOPIN, 2015, p. 403). A serenidade de Gouvernail coloca a protagonista num impasse entre gostar da sua presença e desejar que ele vá embora. Os sentimentos dela tornam-se cada vez mais confusos, revelando-se nos diálogos entre eles e pelas

¹³ Sistema econômico agrícola baseado em uma monocultura de exportação com o uso de latifúndios e mão de obra escrava.

descrições psicológicas minuciosas do narrador. Tais diálogos também induzem o leitor a fundamentar reflexões sobre a estabilidade do casamento dos Baroda.

Logo após sua chegada à plantação, Gouvernail agradava-se em passar o tempo fumando o seu charuto, atento às experiências contadas por Gaston como senhor daquele lugar. Algo em sua personalidade não apenas inquietava a Sra. Baroda, mas a deixava desconfortável; o que, de certa forma, soa paradoxal já que o conto o descreve como sendo “amável e companheiro”: “*Gouvernail’s personality puzzled Mrs Baroda, but she liked him. Indeed, he was a lovable, inoffensive fellow*” (CHOPIN, 2015, p. 403).

A partir desse momento, Sra. Baroda diz que vai se ausentar da *plantation* e só retornará quando Gouvernail for embora. O leitor pode inferir como ela tem receio das prováveis consequências dos seus sentimentos desarranjados, dos seus pensamentos enigmáticos, os quais induzem o leitor a pensar na possibilidade de Sra. Baroda adentrar em um relacionamento extraconjugal.

Em uma noite, a Sra. Baroda sentou-se em um banco em baixo de uma árvore ao redor do terraço da propriedade. Logo depois, passou a ouvir passos vagarosos esmagando o cascalho, e de longe avistou um ponto de luz como de um charuto aceso, e discerniu que fosse Gouvernail, visto que o seu marido não fumava. Naquela ocasião, ela não sabia ao certo o porquê dos seus pensamentos estarem “desarranjados”, e estava tomada por sensações confusas: “*She had never known her thoughts or her intentions to be so confused. She could gather nothing from them but the feeling of a distinct necessity to quit her home in the morning*” (CHOPIN, 2015, p. 404).

Ele, então, jogou fora o charuto, sentou-se proximoamente a ela e entregou um lenço fino e branco que, segundo ele, foi pedido por Gaston para lhe ser entregue. Ali sentados, um próximo ao outro, o visitante fala sobre a atmosfera “inebriante” daquela noite. A estratégia de aproximação de Gouvernail é evidenciada através do seguinte verso: “*Night of south winds—night of the large few stars! Still nodding night—’*” (CHOPIN, 2015, p. 405). Tais palavras não foram aleatórias, e, quanto mais ele fala sobre as suas experiências de vida e dos tempos de faculdade, mais a Sra. Baroda se encanta, ficando plenamente deslumbrada por sua voz.

Tais falas não foram meramente coincidências, pois denotam estratégias linguísticas utilizadas para prenunciar os seus propósitos, utilizando a metáfora para “quebrar” o afastamento entre os dois. Gaston não deixa explícito as suas reais intenções, mas, implicitamente, demonstra “intenções” por meio do seu discurso. Essa é a primeira e última conversa entre os dois, e bastante decisiva para o conto, pois é o ponto de partida para Sra. Baroda perceber a sua atração por Gouvernail:

She was not thinking of his words, only drinking in the tones of his voice. She wanted to reach out her hand in the darkness and touch him with the fingers upon the face or the lips. She wanted to draw close to him and whisper against his cheek – she did not care what – as she might have done if she had not been a respectable woman (CHOPIN, 2015, p. 405).

Ali, Sra. Baroda já não estava mais pensando por si; foi tomada pelo impulso e pelo tom da voz de Gouvernail, e só “[...] queria estender a mão na escuridão e tocá-lo com as pontas de seus dedos no rosto ou nos lábios” e se aproximar dele. Este trecho é significativo para a observação do perfil e análise dos conflitos externos e, principalmente internos, sofridos por Sra. Baroda. Percebem-se os seus sentimentos e desejos mais recônditos emergindo. Não fora a sua condição de “mulher respeitável”, segundo suas ponderações, talvez sucumbisse à tentação. Ali, ela o deixou sozinho, como que fugindo dele. Ela escapa da presença de Gouvernail e esforçando-se para reprimir aqueles sentimentos que a tomaram, como uma forma de autoproteção.

A escrita meticulosa de Kate Chopin revela o contexto social, os limites e impedimentos em que Sra. Baroda se encontra. A despeito de sua classe social, ou mesmo por conta dela, e de sua “liberdade” de ir e vir, constata-se o quanto se lhe impunham restrições em ela ser e ter o que quer que desejasse. O casamento aparentemente sólido e tranquilo que Gaston e Sra. Baroda têm, trata-se, supostamente, de uma “fachada”. Interpreta-se a existência daquele casamento por circunstâncias de *status*, e não exatamente por um real e sólido sentimento de amor: a própria personagem descreve seu marido também como um “amigo”, quando ainda naquela noite foi tentada a contar-lhe sobre os acontecimentos recentes entre ela e Gouvernail: “*Mrs. Baroda was greatly tempted that night to tell her husband – who was also her friend – of this folly that had seized her*” (CHOPIN, 2015, p. 405, grifo nosso).

Sra. Baroda sabia que tinha um status social a ser mantido e preferiu não ceder aos sentimentos e permanecer em “grades”, seja por conforto da estabilidade financeira, ou porque ela precisa manter as aparências dentro de um matrimônio que acordava com os comportamentos esperados de uma mulher convencional. Não sabemos precisar os reais desejos de Sra. Baroda, mas arriscamos dizer que sua admiração por Gouvernail poderia ser mais que meramente sexual (JUÁREZ, 2015, p. 20).

Assim como em vários contos de Kate Chopin, “*Uma Mulher Respeitável*” nos deixa intrigados com as hipóteses do seu final. Não sabemos ao certo até que ponto aquele fascínio

de Sra. Baroda por Gouvernail a levaria a trair o seu marido. O sentimento de Sra. Baroda por Gouvernail é ambíguo e não expresso claramente no conto, embora cercado de possibilidades.

O cenário em que se passa o conto revela a conjuntura de fatores a qual muitas mulheres de classes economicamente e socialmente superiores enfrentavam séculos atrás, pois, casavam quando lhes fossem indicadas a devida oportunidade; e qualquer casamento, fosse arranjado ou não, seria melhor do que nenhum. O casamento para as mulheres do século XIX era inevitável, afinal, não possuíam expectativas de vida fora dele; logo, o único caminho para uma vida fácil e respeitável era o matrimônio. De acordo com Mary Wollstonecraft (1792):

When do we hear of women who, starting out of obscurity, boldly claim respect on account of their great abilities or daring virtues? Where are they to be found?—To be observed, to be attended to, to be taken notice of with sympathy, complacency, and approbation, are all the advantages which they seek (“Vindication”, capítulo 4, p. 4).

Em “*Uma Mulher Respeitável*”, talvez a Sra. Baroda estivesse se sentindo incompleta, vivendo uma “aparência”, já que, supostamente, Gaston Baroda representava muito mais ser seu amigo do que seu cônjuge, no sentido marital e sexual que implicam tal relação. Porém, dentro dessa relação de amizade que ambos nutriam, ela se encontraria socialmente dependente (aprisionada). Nesta relação de dependência, verifica-se que o primeiro nome de Sra. Baroda não é revelado em nenhum momento do conto, apenas o sobrenome do seu cônjuge permanece em toda narrativa, apontando para as relações propostas pelo patriarcado, ou seja, de que a esposa deve receber o sobrenome do marido e por meio dele ser reconhecida em sociedade. Com efeito, Sra. Baroda claramente teme as consequências de qualquer tentativa de fuga ante tais limitações sociais, por causa dos preceitos e regras predeterminadas pela sociedade.

O relacionamento entre Gouvernail e Sra. Baroda direciona o leitor a inferir que o casamento com Gaston se trata apenas de aparências. Sra. Baroda tem uma autoimagem e *status* a serem mantidos, de modo que essa imagem não pode ser contrariada ou rompida socialmente. Se rompida, traria grandes consequências para a vida burguesa que leva, principalmente críticas sociais e exclusão perante a sociedade. Considerando os preceitos do feminismo, homens e mulheres deveriam ser “socialmente, financeiramente e politicamente iguais” (NUR, 2017, p. 2). Contudo, a realidade em torno da nossa personagem protagonista é de dependência institucional e também financeira do seu marido; é ele o senhor das *plantations*.

Outro aspecto a ser discutido são particularidades do perfil de Gouvernail, sempre silencioso e misterioso, induzindo-nos a especulações sobre quais eram as suas verdadeiras

intenções. Nos poucos momentos em que se expressou verbalmente, deixou a Sra. Baroda com os sentidos conturbados, e pareceu estar consciente das suas intenções/ações nessa ocasião. Por outro lado, Gaston Baroda parece não reprimir ou oprimir a sua esposa, o que nos leva a supor ser ele o único que não percebe os acontecimentos inusitados na efêmera passagem de Gouvernail pelas *plantations*. A propósito, vale a pena ressaltar que as palavras de Gaston enfatizam a sua provável completa desconexão com os fatos vivenciados pela sua esposa: “*I am glad, chère amie, to know that you have finally overcome your dislike for him; truly he did not deserve it*” (CHOPIN, 2015, p. 406, grifo nosso). Contrariando as expectativas próprias de “marido”, ele, coerentemente, mantém o conveniente distanciamento como amigos.

Outrossim, as interações entre Sra. Baroda e Gaston explicitam afeto e demonstram amizade e familiaridade um pelo outro, quando por exemplo, “Gaston pegou o rosto bonito da sua mulher entre as suas mãos e riu” (CHOPIN, 2015, p. 404, tradução nossa). Posteriormente, a chama de *ma belle* (minha linda), expressando-se por meio dessa linguagem como forma de carinho entre amigos.

Inquieta e também insegura de suas próprias convicções sociais de ser uma mulher respeitável e admirável, na manhã posterior ao encontro relativamente íntimo com Gouvernail, ela pegou um trem para a cidade e não retornou até que finalmente Gouvernail tivesse ido embora, de forma que a seguinte passagem revela a intensidade do seu conflito interno: “*Beside being a respectable woman she was a very sensible one; and she knew there are some battles in life which a human being must fight alone*” (CHOPIN, 2015, p. 405). Ou seja, concluímos, pelo menos até esse momento da narrativa, que ela decidiu reprimir as suas emoções e seus sentimentos para se “garantir” como uma “mulher respeitável” e agindo como tal. Enquanto em “fuga”, porém, reavalia os limites impostos à sua liberdade como mulher honrada e, aparentemente, toma decisões que, ao final do conto, soam ambíguas ao leitor.

Neste sentido, o maior obstáculo vivido pela Sra. Baroda foi lutar sozinha contra a sua identidade social, motivada sobretudo por viver em um casamento presumivelmente insatisfatório. Quando comparada a outras protagonistas de Chopin, podemos ver autenticidade e autonomia. À primeira vista, Sra. Baroda é quem dá o tom da sua música, ela é a “maestrina” que conduz a sua vida, tomando suas próprias decisões de forma autônoma sem quaisquer interferências do cônjuge, porém, como se deduz, refreada por normas de conduta sociais. Ela é a caracterização da mulher forte e autônoma em busca da emancipação; e, em sua escolha pela “fuga”, reflete sobre si mesma e a plena liberdade que tanto almeja conquistar.

O seu conflito interior reflete a identidade de uma nova mulher prestes a emergir e se aventurar, embora não saibamos suas ações futuras nem suas reais intenções. Ademais,

podemos interpretar o seu momento de fuga como solidude, quase transcendental, através de um silêncio que paralelamente é um grito. O silêncio de Sra. Baroda representa o mesmo de muitas mulheres do século XXI, as quais caladas não podem ter autonomia sobre o próprio corpo, vivendo como subordinadas e na maioria das vezes fisicamente, psicologicamente e sexualmente violentadas. Não é o caso de Sra. Baroda, mas como uma protagonista feminina, se vê entre dois homens e lida com fortes conflitos psicológicos e internos.

Gouvernail, claramente é um homem sedutor, representando a maior ameaça à reputação de Sra. Baroda. Porém, o objetivo dele não é alcançado (JUÁREZ, 2015, p. 20). Vemos uma mulher triunfante a qual, naquela noite, opta de forma consciente abandoná-lo, caracterizando perfil da nova mulher. Coadunamo-nos com a identidade da “Nova Mulher” no conto de Chopin, também pelos temas matrimônio e adultério representados sutilmente. Inferimos que o adultério não é fisicamente realizado, mas mentalmente cometido pela protagonista. Desse modo, no decorrer da história vemos processos mentais nos quais Sra. Baroda pensa, imagina, presume e prevê suas ações.

Kate Chopin, partindo desse pressuposto, evidencia uma produção literária com estrutura interna e escrita minuciosas as quais, em “*Uma Mulher Respeitável*”, orientam para a situação social em que Sra. Baroda se encontra. A personagem tem uma imagem conjugal a ser mantida, e é essa imagem que a leva a alcançar certos direitos os quais outras mulheres da sua época não tinham. A construção discursiva indica probabilidades para as circunstâncias do casamento dos Baroda e as identidades privilegiadas no contexto do século XIX, de acordo com uma visão patriarcal. Ademais, as expectativas públicas e sociais prevaleciam nas questões matrimoniais da época. Do ponto de vista social no século XIX, muitos homens e mulheres acreditavam na permanência e duração de um casamento, o qual, uma vez realizado contratualmente, não poderia ser desfeito (HARTOG, 1991, p. 110).

Conforme Brait (1985, p. 52) expõe em sua obra “*A personagem*”, o texto é o único dado a oferecer pistas e margens para interpretação e diversas reações do leitor:

(...) ele é o único dado concreto capaz de fornecer os elementos utilizados pelo escritor para dar consistência à sua criação e estimular as reações do leitor. Nesse sentido, é possível detectar numa narrativa as formas encontradas pelo escritor para dar forma, para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas como pura construção linguístico-literária ou espelho do ser humano.

Ou seja, por meio da linguagem e estratégias literárias expressas na narrativa compreendemos como a protagonista em questão é impedida socialmente e materialmente, embora a sua classe social lhe dê, até certo ponto, liberdade.

Mary Wollstonecraft, em sua obra inacabada “*Maria, or the Wrongs of Woman*”, publicada em 1798, afirma que as mulheres tinham um forte desejo sexual e que era degradante e imoral fingir o contrário. Assim, Sra. Baroda estaria aprisionada aos limites da sexualidade quando ela não pudesse expressar tais desejos ou compartilhá-los com um companheiro de sua escolha. Considerando o espaço que circunda a personagem, verifica-se que há barreiras do ponto de vista econômico, social e essencialmente sexual. Estes impedimentos seriam as grades da “gaiola” em que ela se encontra ante à opressão patriarcal, as quais tentam reprimir as suas emoções diante do que a sociedade espera sobre ser uma “mulher respeitável”. Neste sentido, a personagem enfrenta um limite moral, ponderando sobre os prós e contras de uma possível desobediência aos padrões de comportamento, e, portanto, decide, estrategicamente, retirar-se, afastar-se.

Quando de volta às *plantations*, e em uma conversa com seu marido, ela assente ao retorno de Gouvernail à sua casa, o que surpreende Gaston, mas principalmente os leitores. Aparentemente ela não demonstra ter-se desembaraçado das “grades” sociais, e, assim, o final do conto é livre para interpretações ante as últimas palavras compostas por uma ironia dramática: “*Oh, ” she told him, laughingly, after pressing a long, tender kiss upon his lips, “I have overcome everything! You will see. This time I shall be very nice to him”*” (CHOPIN, 2015, p. 406). A conotação ambígua destas palavras sugere os dois caminhos os quais ela poderia trilhar com o retorno de Gouvernail: resistir e continuar com o seu amigo/marido, ou ceder aos seus mais íntimos desejos.

É importante destacar que a protagonista vive em um contexto o qual não privilegia as mulheres ou lhes garante direitos. A lei do divórcio no contexto do século XIX da sociedade estadunidense estabeleceu critérios e leis que permitiam ao homem obter a separação se fosse comprovada infidelidade por parte da esposa (HARTOG, 1991, p. 117); porém, uma mulher não possuía a permissão para fazer o mesmo, exceto se seu marido fosse acusado por infidelidade, e simultaneamente culpado por crueldade extrema contra ela, o que não era o caso de Gaston. Deste modo, por mais que quisesse, Sra. Baroda não poderia se autorrealizar e enfrentar as suas limitações com algum argumento legal. Diante de tal situação, precisaria ou conformar-se ao seu *status quo* ou “fugir” dele de forma mais “astuciosa”.

É possível reconhecer em Sra. Baroda uma personagem com características fortes, de pensamentos distintos da sociedade da época, mesmo que não haja descrições explícitas de suas

convicções, assim como não há de seus traços físicos. Sua história tem um desfecho imprevisível, trazendo à tona reflexos resultantes de uma sociedade conservadora, a qual não permitia à mulher conquistar sua independência ou alcançar a sua autonomia. As barreiras de determinados comportamentos relativos à sexualidade são impostas pela sociedade em que a protagonista se encontra, a mesma que também pode contrariar as suas vontades. A imagem tendenciosa que cria dele é uma forma de escapatória do seu desejo, o qual se subentende que a acompanha antes, durante e após os momentos da estada de Gouvernail entre os Baroda.

O fim do conto também representa uma reação a uma possível mudança de comportamento, um despertar de liberdade que impulsiona a protagonista a dar passos sutis para sua nova identidade como mulher, sem despertar nenhuma suspeição deste fato em Gaston. Suas últimas palavras denotam o autocontrole de Sra. Baroda, o domínio sobre suas decisões e o possível surgimento de um novo comportamento, pois a partir daquele momento somente ela saberia o que escolher. Tais decisões não partiriam do seu marido, nem de Gouvernail, mas dela, um ser autônomo que almeja a sua independência.

A leitura de contos como este consolida, de forma precoce a seu contexto de produção, valores os quais vão além de aspectos estruturais ou estéticos. Sua temática representa verdadeiras lições para as mulheres que seguiram inquietas nos séculos XX e XXI, despertadas por leituras reveladoras em narrativas como esta produzida por Kate Chopin. Sendo assim, conclui-se que essa estória, bem como as outras de autoras contemporâneas a Kate Chopin, me possibilitou uma ampliação dos cenários e horizontes de vida, compreendendo os valores universais, bem como o respeito e os direitos que são imprescindíveis e indispensáveis às mulheres, e o quanto elas precisam de apoio e motivação para as conquistas que lhe são legítimas, mas que ainda não foram de todo efetivadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos realizar uma revisão bibliográfica preliminar sobre as teorias feministas, destacando as três ondas que marcam os movimentos feministas. Por um longo período, a sociedade se divide entre gênero, classe e posição sociopolítica. Neste processo, homens e mulheres possuem diferenças que percorrem desde o direito/acesso à educação, ao casamento e liberdade afetiva e sexual. A busca por uma completa cidadania das mulheres perdura por anos, e, antes mesmo dos movimentos feministas virem à tona, já existiam ativistas reivindicando a emancipação das mulheres e escritoras que denunciavam limites impostos às mulheres, como Mary Wollstonecraft, em sua obra “*Vindication of the Rights of Woman*” (1792).

Por esta razão, também trouxemos Tim Gillespie (2010) para apoiar nossa leitura crítica. No contexto contemporâneo, trabalhar com textos escritos por mulheres é um verdadeiro privilégio. Muitas são as barreiras impostas a elas, as quais, sejam por razões de ordens políticas ou socioculturais, têm sido mantidas por anos. Foram escritoras como Kate Chopin, inspiradoras e crítico-reflexivas, que o papel da mulher começa a ser analisado de forma mais criteriosa e empática pelos leitores da atualidade. Nosso principal objetivo foi mostrar como obras como “*Uma Mulher Respeitável*” são atemporais, tornando as autoras de séculos passados visíveis, e até mesmo empoderando as mulheres do contexto atual. São textos literários como este que favorecem a cultura letrada (COSSON, 2006), permitindo novas reflexões sobre a posição da mulher.

Para delimitar nossa pesquisa, enfatizamos a primeira onda, na qual se estabelecem critérios para compreender o contexto do século XIX em que a protagonista Sra. Baroda se encontra. Para esse fim, também trouxemos Code (2000) para ampliar nosso entendimento do conceito de feminismo. A autora traça a linha história do feminismo de modo que, assim, percebemos períodos nos quais escritoras passaram a se destacar e serem reconhecidas no campo literário. Através desse processo histórico, justificamos a posição inferior e secundária na qual a mulher foi colocada.

Reconhecemos a luta das mulheres em um dos mais aclamados contos escritos por Kate Chopin, “*Uma Mulher Respeitável*” (1894); e na maneira como a protagonista se relaciona com os personagens secundários. A história gravita em torno da personagem principal, Sra. Baroda, a qual busca se descobrir enquanto mulher autônoma, mas é cercada por “grades” que tentam bloquear a sua liberdade.

Podemos mencionar que, Chopin, como uma escritora de destaque no seu tempo – e considerada *local color*, pôde influenciar e atingir positivamente muitos leitores homens e mulheres no Sul dos Estados Unidos. Suas estratégias literárias mostradas pelas “entrelinhas”, trouxeram nos seus contos, progressivamente, mensagens marcantes sobre o entorno social discriminatório e os papéis das mulheres na sociedade do século XIX (VANKOOTEN, 2004, p. 36). O público-alvo de Kate Chopin sabia exatamente o quê, para quê e sobre o quê ela escrevia, pois ela tratava de temáticas relevantes e inquietantes socialmente daquele contexto geopolítico imediato. Sendo assim, mesmo tendo recebido críticas em obras como em “*The Awakening*”, seu propósito, provavelmente, era impactar esse público, um objetivo claramente alcançado.

De fato, a maioria das protagonistas nas histórias de Kate Chopin representam a inconformidade com regras sociais que impediam as mulheres de alcançarem novos patamares de vida. Elas são representações da liberdade e busca por experiências que as tornem autônomas nas suas decisões pessoais, profissionais e afetivas. Em “*Uma Mulher Respeitável*”, notamos como a protagonista é cercada por expectativas padrões de uma sociedade na qual, ser mulher, significava ser dependente de um entorno que claramente não privilegia suas vontades.

Uma das temáticas evidentes no conto – casamento – nos traz reflexões sobre a situação vivenciada pela protagonista. O casamento no século XIX representava um contrato legal que tendia a ser conveniente para ambas as partes. No caso de Gaston e Sra. Baroda, pressupomos que pelo fato de estarem casados, haveria um acordo socioeconômico. Para mulheres de classe-alta como Sra. Baroda, estar em um casamento assim poderia ser um verdadeiro privilégio, ainda que muitas vezes contrariando algumas vontades. Casamento era sinônimo de respeito social e completude, no qual as mulheres se sujeitavam (contrariamente ou não) para viverem uma vida correspondente às expectativas do público.

Além disso, a classe socioeconômica de Sra. Baroda a diferencia de outras mulheres da época que, sem condições financeiras satisfatórias, buscavam outros meios para minimamente se sustentarem (ZOLIN, 2009). Por outro lado, enquanto casada com um proprietário de *plantations*, ela pode desfrutar de uma qualidade de vida satisfatória; contudo, tendo que “abrir mão” dos seus desejos mais íntimos, ou optando por realizá-los às escondidas e colocando em risco a sua reputação. Sra. Baroda era uma mulher da sociedade, mas com sentimentos, aspirações pessoais e intenções as quais quaisquer seres humanos podem ansiar; contudo, essas finalidades e intenções não podem ser compartilhadas com seu marido, principalmente porque não representam a definição de respeitabilidade relativa a uma mulher casada (VANKOOTEN, 2004, p. 40).

À propósito, nesta pesquisa, destacamos também a relação entre política feminista e a teoria feminista (ROONEY, 2006), e como a crítica literária feminista é de ordem política, uma vez que interfere na ordem social e busca investigar os estereótipos femininos e as relações as relações de poder entre os gêneros (ZOLIN, 2009, p. 219). Desse modo, pudemos destacar no conto uma “*Uma Mulher Respeitável*” como é impossível ser visto respeitavelmente de acordo com os preceitos sociais, principalmente quando atrações românticas e sociais estão envolvidas (VANKOOTEN, 2004, p. 44).

Concluimos que Chopin, enquanto escritora realista e *local color*, busca, além de descrever detalhes da vida no Sul dos Estados Unidos, explora igualmente o efeito das relações humanas para o ser enquanto indivíduo. Para se sentirem e serem parte da sociedade do século XIX, as protagonistas retratadas pela autora se submetem a sacrifícios que muitas vezes podem levá-las a frustrações, principalmente por ocuparem posições (e assumirem responsabilidades) que não gostariam (KOLOSKI, 1937).

No caso da personagem Sra. Baroda, ela vive uma imagem que oferece oportunidades, espaço e propriedade, aspectos os quais oferecem identidade certamente duradoura e revelam um padrão de conduta a ser seguido (KOLOSKI, 1937, p. 13). Assim como outras personagens de Chopin, ela tenta buscar paz e autorrealização enquanto indivíduo, embora vivendo em um casamento sem amor marital. Portanto, ao estar em contato com uma outra segunda pessoa, Gouvernail, Sra. Baroda sai do padrão de conduta e se percebe como ser humano subjetivo, adquirindo uma identidade própria e não moldada pela sociedade em que vive. Por essa razão, Chopin dá liberdade e independência à Sra. Baroda, não recebendo nenhum tipo de punição social, uma vez que ela, presumivelmente, decide não cometer o adultério naquela ocasião.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- BEER, Janet. **The Cambridge Companion to Kate Chopin**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2008.
- BLOOM, Harold. **Bloom's Modern Critical Views: Kate Chopin – Updated Edition**. New York: Infobase Publishing, 2007.
- BRAITH, Beth. **A personagem**. Série Princípios. Editora Ática, 2002.
- CHOPIN, Kate. A Respectable Woman. In: **The Awakening and Selected Stories**. Wordsworth Editions, 2015, p. 403-406.
- CLARK, Pamela. **Biography**. Disponível em: <<https://www.katechopin.org/biography/>>. Acesso em: 14 out. 2017.
- CODE, Lorraine. **Encyclopedia of feminist theories**. London and New York: Routledge, 2000.
- COSSON, Rildo. Letramento Literário. **Glossário Ceale**. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/Letramento-literario>>. Acesso em: 26 abr. 2017.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Local colour**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/art/local-color>>. Acesso em: 16 jun. 2018.
- GASPARETTO JUNIOR, Antonio. **A primeira onda feminista**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/primeira-onda-feminista/>>. Acesso em: 03 jun. 2016a.
- _____. **A terceira onda feminista**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/terceira-onda-feminista/>>. Acesso em: 06 nov. 2016b.
- GILLESPIE, Tim. Feminist Criticism for Students: Interrogating Gender Issues. In: **Doing Literary Criticism: Helping Students Engage with Challenging Texts**. Stenhouse, 2010, p. 107-121.
- HARTOG, Hendrik A. Marital Exits and Marital Expectations in Nineteenth Century America. **The Georgetown Law Journal**, v. 80:95, [s.n.], p. 95-129, 1991. Disponível em: <<https://scholarship.law.georgetown.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1016&context=hartlecture>>. Acesso em: 11 ago. 2018.
- JUÁREZ, Marta de Cima. **The New Woman in Kate Chopin's Short Fiction**. 2014-2015. 37f. Monografia (Graduação em Estudos Ingleses) – Departamento de Filología Inglesa, Universidad de Valladolid, Espanha, 2014-2015.

KATECHOPIN.ORG: The Kate Chopin International Society. **Kate Chopin: A Respectable Woman**. Disponível em: <<http://www.katechopin.org/a-respectable-woman/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

KATECHOPIN.ORG: The Kate Chopin International Society. **Kate Chopin's Themes**. Disponível em: <<https://www.katechopin.org/themes/>>. Acesso em: 03 out. 2017.

KOLOSKI, Bernard. **Kate Chopin and the Search for a Code of Behavior**. 1972. 203f. Tese (Doutorado) – Departamento de Inglês. The University of Arizona, Arizona, 1972.

LAVENDER, Catherine. **Notes on The Cult of Domesticity and True Womanhood**. Disponível em: <<https://csivc.csi.cuny.edu/history/files/lavender/386/truewoman.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

NUR, Dedi Rahman. An Analysis of The Feminist Characters in Kate Chopin's "The Awakening". **Journal of English Educators Society**, v. 2, n. 1, p. 1-20, abril/2017.

OWLICATION. **The Cult of Domesticity: Values Past and Present**. Disponível em: <<https://owlcation.com/humanities/The-Cult-of-Domesticity-Past-and-Present>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

ROONEY, Ellen. The literary politics of feminist theory. In: **Feminist Literary Theory**. Cambridge: CUP, 2006.

SHOWALTER, Elaine. Tradition and the Female Talent: The Awakening as a Solitary Book. In: BLOOM, Harold. **Bloom's Modern Critical Views: Kate Chopin – Updated Edition**. New York: Infobase Publishing, 2007.

SILVA, Natália Alves da; FARIA, Daniela; PIMENTA, Marília. Feminismo e o espaço urbano: apontamentos para o debate. In: Enanpur – USP, 17., 2016, São Paulo, **Anais...** São Paulo: USP, 2017. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%209/ST%209.3/ST%209.3-02.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

TARDELLI, Roberto. **Sojourner Truth traz tudo discurso contra a invisibilidade**. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2018/01/31/sojourner-truth-traz-duro-discurso-contra-invisibilidade/>>. Acesso em: 18 jun. de 2018.

VANKOOTEN, Crystal. **Writing against convention: Kate Chopin's short fiction in Vogue, 1893-1900**. 2004. 98f. Dissertação de Mestrado – Master of Arts in English, Oregon State University, Corvallis, 2004.

VINHEDO. Uma mulher, muitas barreiras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 305-323, janeiro-abril, 2005.

WIKIPEDIA. **New Woman**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/New_Woman>. Acesso em: 18 jun. 2018.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A Vindication of the Rights of Woman with Strictures on Political and Moral Subjects.** [S.l.: s.n.], 2010. 111p. Disponível em: <<http://www.earlymoderntexts.com/assets/pdfs/wollstonecraft1792.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Maria, or the Wrongs of Woman.** [S.l.]: Projeto Gutenberg, 2001. 90p. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/gu000134.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2017.

WORTON, Michael. Reading Kate Chopin through contemporary French feminist theory. In: **The Cambridge Companion to Kate Chopin.** Cambridge, England: Cambridge University Press, 2008, p. 105-116.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (ORG.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.